



MUSEUS UNIVERSITÁRIOS E A COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA: características e perspectivas futuras

*UNIVERSITY MUSEUMS AND MUSEOLOGICAL COMMUNICATION:
features and future perspectives*

Maria Cristina Oliveira Bruno

Universidade de São Paulo
São Paulo, SP, Brasil
mcobruno@usp.br
ORCID: 0000-0003-2172-9071



RESUMO

Este texto enuncia algumas características da comunicação museológica no âmbito do campo da Museologia, no que tange às ações museológico-curatoriais, contextualizando-as nos cenários dos museus universitários, como, também, apresenta algumas perspectivas à proposição de um modelo referente a este segmento dos trabalhos museológicos. Indica algumas reflexões às articulações entre as linguagens mistas inerentes às exposições, às rotas deflagradas pela apropriação do ambiente virtual e ao caminho seguro que consolida a vocação educacional e de inclusão social do museu. Esses pontos são tratados em diálogo com as potencialidades comunicacionais dos museus universitários no que se refere às reciprocidades, cumplicidades e sinergias entre pesquisa e ensino e a comunicação museológica.

Palavras-chave: Museologia, Museu universitário, Comunicação museológica, Modelo museológico.

ABSTRACT

This article enunciates some features of museological communication in the field of Museology, with regard to museological-curatorial actions, contextualizing them in the scenarios of university museums, as well, as presenting some perspectives to the proposition of a model referring to this segment of museological works. It indicates some reflections on the articulations between the mixed languages inherent to the exhibitions, the routes triggered by the appropriation of the virtual environment and the safe path that consolidates the educational vocation and social inclusion of museums. These points are dealt with in dialogue with the communicational potential of university museums, with regard to reciprocity, complicity and synergies between research and teaching and museological communication.

Keywords: Museology, University museum, Museological communication, Museological model.

Apresentação

*Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar
Com imagens de hoje as experiências do passado.*

Ecléa Bosí, 1983

A elaboração deste artigo privilegiou lembranças referentes a buscas profissionais, com a intenção de repensar caminhos percorridos, divulgar experiências realizadas e propor estratégias museológicas, com o desejo de dialogar com os leitores e compartilhar inquietações.

As reflexões sobre museus universitários têm sido recorrentes na minha trajetória profissional, uma vez que venho atuando neste cenário museológico ao longo de quatro décadas. Essa perspectiva privilegiada de análise tem permitido identificar características específicas, desvelar problemas crônicos, discutir com colegas os desafios comuns, procurar entender as sinergias com outras tipologias de museus, entre muitos outros temas que nos provocam cada vez mais a compreender as singularidades, estabelecer novos argumentos para as reflexões e desvelar caminhos prospectivos na busca de abrir rotas de interlocução com as próprias universidades e com os segmentos que tratam das políticas públicas para os museus.

Esse privilégio também nos leva a vivenciar a universidade a partir da periferia de sua estrutura acadêmico-administrativa e a buscar entender a lógica de seus regramentos sem fazer parte dela.¹ Mas, apesar das dificuldades enfrentadas e dos descompassos verificados, cabe reconhecer que os museus universitários estão sempre em *movimento*, internamente às respectivas universidades, em conjunto com outras instituições congêneres e atuando de forma coletiva no âmbito das iniciativas das políticas públicas museológicas.

Esses movimentos são identificados nos museus das universidades brasileiras, independentemente dos seus vínculos às esferas federal, estaduais, municipais e privadas, mas também podem ser observados em instituições estrangeiras.² Os museus universitários têm fortes e expressivas características que são transnacionais, aplicadas aos mais distintos acervos e fundos documentais e voltadas para variados segmentos da sociedade, mas com ênfase para a comunidade estudantil.

Nesta oportunidade, serão recolocadas algumas ideias que já ancoraram análises precedentes, evocadas em trabalhos acadêmicos, artigos e em conferências (BRUNO, 1984; BRUNO, 1995; BRUNO, 2000; BRUNO, 2012),³ mas, sobretudo, será apresentada uma proposta de "modelo" para a constituição da estrutura de ações de comunicação museológica para museus universitários.

¹ Esta colocação diz respeito à ênfase das universidades no que corresponde ao ensino e à pesquisa e, por isso, tem as suas estruturas de organização e governança voltadas para atender premissas e funções destes focos.

² O UMAC (Comitê de Museus Universitários do Icom – Conselho Internacional de Museus) registra e acompanha estas ações nos diferentes continentes. Cabe sublinhar que as apresentações do *Coloquio International – Les Musées Universitaires & leurs publiques*, realizado pela Université de Liège, Bélgica, em 2019, evidenciaram muitas sinergias entre museus universitários de diferentes países e, também, sinalizaram para os movimentos mencionados.

³ Refiro-me à dissertação de mestrado *O Museu do Instituto de Pré-História: um museu a serviço da pesquisa científica* (Bruno, 1984), pela FFLCH/USP, à tese de doutorado *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema* (Bruno, 1995), também pela FFLCH/USP, e à tese de livre docência *Museologia: a luta pela perseguição ao abandono* (Bruno, 2000), pelo MAE-USP. Quanto às conferências, sinalizo, em especial: *Museu Universitário em perspectiva*, realizada no Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas em 2012; *Museus Universitários: contribuições e desafios*, apresentada na Semana de Arte, Cultura, Ciência e Tecnologia da Universidade Federal da Bahia em 2012; *Os Museus no atual contexto científico cultural*, inserida na programação da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de Minas Gerais em 2014; e *Trajatória dos museus universitários no Brasil como produtores de conhecimentos científicos e culturais: o que mudou?*, que abriu evento da Universidade Federal do Amazonas em 2014.

Museus Universitários: Algumas Considerações

Os museus, coleções e acervos universitários⁴ no Brasil estão inseridos em universidades de distintas tutelas e em diferentes regiões do país, contextualizados academicamente em múltiplos campos de conhecimento científicos e artísticos e, ainda, preservando a memória da pesquisa e do ensino superior. De acordo com o estudo *Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia e Museus Universitários: pesquisa, análise e caracterização de relações estratégicas*,⁵ contou-se com 415 museus universitários no Brasil. Fazendo uma releitura sobre esses dados, por sua vez, verificou-se que estas instituições atuam de acordo com três vetores:⁶ (I) organização museológica a partir de coleções e acervos de espécimes da natureza e artefatos culturais; (II) articulação em torno de instrumentos de pesquisa e de ensino e das memórias acadêmicas; e (III) desenvolvimento de ações institucionais através de acervos herdados ou adquiridos pelas universidades e assumidos como bases de pesquisa e ensino.

Ao lado das potencialidades de produção de conhecimento, ensino superior e extensão de ações comunitárias, esses museus são responsáveis por introduzirem nas universidades a perspectiva preservacionista comprometida com a inclusão social. Trata-se, portanto, de importante alavanca para as universidades cumprirem suas funções essenciais. Acredita-se que todo trabalho científico deva ser divulgado, pois ele

não pode ser o fato de um círculo de iniciados, de uma "elite", sob pena de ver desaparecer toda ética científica: se a pesquisa da verdade não pode ser conduzida por todos, o conhecimento deve ser divulgado a todos, pois ele pertence a todos e a razão de ser de nossa profissão passa pela comunicação, pela transmissão ao maior público possível. Nenhum especialista deve sentir-se a serviço apenas de outros especialistas. Os trabalhos entre pesquisadores de uma especialidade têm por objetivo o progresso dos conhecimentos científicos; o objetivo final destes trabalhos deve ser, também, estender nossas aquisições à informação geral. [...] O diálogo com um não especialista não é em nenhum caso estéril, pois ele é um estimulante, ele impede a esclerose por isolamento categorial. [...] A confrontação obriga a analisar-se a si mesmo, a continuamente reestruturar o próprio pensamento, nem que seja pela tomada de consciência da diferença que existe entre um ato cumprido só ou em público. (Tixier, 1978, p. 99-100).

Considerando-se as palavras de Jacques Tixier como a matriz de nossas proposições, experimentações e análises, é possível afirmar que os museus universitários brasileiros são responsáveis pelo patrimônio biocultural de uma parcela significativa desse território, como também reúnem acervos externos à trajetória histórico-cultural do Brasil, mas continuam de forma reiterada verificando as características de seus perfis; realizando diagnósticos internos às universidades; discutindo as reciprocidades entre as ações museológicas desenvolvidas em diferentes museus universitários; buscando interpretar e assimilar ecos das atividades internacionais e reverberar as suas ações fora do país. É uma tipologia de museu em *constante movimento* pois, por um lado, não cessa de buscar caminhos que viabilizem a sua

⁴ Há uma compreensão nos dias de hoje de que as universidades reúnem não só museus, mas também coleções e acervos inseridos em faculdades e institutos e com vocação e potencialidades museológicas. Neste texto, os diversos argumentos devem ser contextualizados para esses três vetores.

⁵ Esse estudo é de autoria de Marcos Granato, publicado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) em 2019.

⁶ Esses vetores foram identificados durante a realização do trabalho *Diagnóstico das Potencialidades Museológicas*, da Universidade de São Paulo, 2000, no âmbito da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária/ Comissão de Patrimônio Cultural – Maria Cecília França Lourenço (coordenadora), Maria Cristina Oliveira Bruno (coordenadora do diagnóstico), Maria Cecília Gonzaga Ferreira (assistente em documentação), Claudia M. Ferrari (estudante – FFLCH), Claudio Hiro Arasawa (estudante – FFLCH), Janes Jorge (estudante – FFLCH), Renato de Freitas Baldin (estudante – FAU).

função no âmbito do regramento administrativo e da governança universitária e, por outro, é constante a sua interlocução com os diversos níveis das políticas públicas para o campo dos museus em todos os seus segmentos.

Hoje, essas instituições museológicas, no Brasil, refletem décadas de experiências, produção acadêmica e militância profissional. Pode-se identificar dois momentos de ações, amplamente avaliados, comentados em eventos acadêmicos e inseridos em fontes bibliográficas referenciais, que têm construído uma certa historicidade desses processos, conforme as fases abaixo:

1. Fase inaugural, marcada pela realização do I Encontro Nacional de Museus Universitários, realizado no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás de 26 a 30 de julho de 1992, que registrou seus resultados no documento *Conclusões Gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários*, depois publicado.⁷ Em uma visão retrospectiva, pode-se afirmar que esse momento tem a ressonância de um "mito de origem" do reconhecimento dos museus universitários no Brasil – entre si – e da sua projeção no campo da Museologia e no âmbito das universidades. Esse evento foi organizado em torno de três temas: *o museu e sua relação com a universidade, o museu e a cidadania e a pesquisa em museus*, evidenciando-se as preocupações que têm sido reiteradas ao longo dos anos, quer seja pelo delineamento do perfil universitário dessas instituições museológicas, quer seja pela sua função social. Entende-se que esse evento impulsionou o *movimento* dos museus universitários no Brasil, conforme colocação apresentada anteriormente, o que é constante, tem ultrapassado gerações e é resiliente, mas tem se transformado e assumido novos perfis.

2. Fase de prospecções e afirmação, permeada por diferentes iniciativas que buscaram dar continuidade às proposições do primeiro encontro e que encontraram algumas possibilidades em reuniões ocorridas em diferentes universidades, mas que, ao fim, a realização do Fórum Permanente de Museus Universitários, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, entre 9 a 11 de outubro de 2018, selou a identificação de uma tipologia de museu universitário e a configuração de uma rede de iniciativas, registrando as respectivas relevâncias para as políticas públicas no Brasil, no contexto das universidades e nos campos dos museus e da Museologia. O documento *Diretrizes para uma política de museus e coleções universitárias – documento preliminar* explicita o amadurecimento resultante dos movimentos de profissionais, deflagrados entre 1992 e 2018, que articulam as duas fases mencionadas.

Nestas mais de duas décadas, os campos dos museus e da Museologia impulsionaram e acompanharam muitos movimentos no país, como, por exemplo, a implantação da Política Nacional de Museus, a criação do Instituto Brasileiro de Museus, a reanimação de sistemas estaduais de museus, a criação de novos programas de graduação e pós-graduação, a multiplicação de publicações especializadas, entre muitas realizações. Esses movimentos, provenientes de muitas regiões do país e em consonância com esferas internacionais, protagonizados por profissionais com distintas inserções nas universidades e, sobretudo, orientados para propósitos comuns, geraram a criação da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários.

A Rede de Coleções e Museus Universitários surgiu em abril de 2017, a partir da necessidade de articulação entre estudantes, professores, pesquisadores e profissionais que atuam nos museus universitários brasileiros. Seu maior objetivo é a preservação e divulgação do acervo museológico universitário. A Rede funciona cotidianamente

⁷ Este documento e o conjunto de comunicações ocorridas no evento foram publicados da revista *Ciência em Museus*, do CNPq, em 1992.

por meio de um grupo de *e-mail* e periodicamente organiza reuniões paralelas dentro de encontros acadêmicos no campo da museologia, em diferentes regiões do Brasil. (Silva, 2019, p. 298).

Esse tempo de experiências, análises e militâncias permite que se afirme ser a universidade o ambiente adequado para a implementação de programas e projetos museológicos e, ao mesmo tempo, tais ações colaboram para o cumprimento das funções universitárias. Nesse contexto, há uma enorme potencialidade para a aplicação de *modelos teórico-metodológicos* referentes não só aos processos de pesquisa das mais variadas áreas científicas, mas, em especial, ao que se refere à cadeia operatória museológico-curatorial,⁸ em que se enquadram as ações de comunicação museológica, em reciprocidade com aquelas de salvaguarda museológica. Essas ações, por sua vez, evidenciam algumas particularidades e singularidades.

Por um lado, pode-se compreender que as funções universitárias de ensino – pesquisa – extensão correspondem às particularidades desses tipos de museus em um contexto mais amplo e diversificado no cenário museológico brasileiro. É possível reconhecer que a amplitude dessas funções alcança todas as expectativas que a cena contemporânea canaliza para as instituições museológicas.

Enquanto instituições abrigadas pelas e nas universidades, que têm os compromissos explícitos inerentes às funções mencionadas, pode-se deduzir que os museus universitários estariam aptos a produzirem conhecimento em todos os campos, a comunicarem as suas ideias e os seus acervos a partir de argumentos sempre renovados e com expografias revolucionárias e a implementarem técnicas inéditas para a conservação de suas coleções. Poderiam também usufruir de toda sorte de inovação tecnológica para o gerenciamento de suas coleções e dos edifícios mais modernos e adequados para localizarem a sua atuação. Da mesma forma, a capacidade universitária de ensino permite a esses museus experimentarem as mais variadas metodologias para educação – formal e não formal – e a inserção nos mais díspares segmentos socioeconômicos a partir de inúmeras possibilidades de ação cultural e social. (Bruno, 2012, grifo meu)⁹

Portanto, no que se refere às particularidades, os museus universitários ocupam um lugar privilegiado entre as instituições museológicas, especialmente no Brasil. Há a possibilidade concreta de serem desenvolvidas pesquisas nos diversos campos do saber, que resultem em produção de conhecimento novo a partir de acervos e coleções, há a certeza de que são instituições museológicas que podem se comprometer com o ensino superior e com a formação de novos profissionais e, ainda, há a condição especial de serem realizadas ações de extensão universitária e de inclusão social de forma qualificada e sistemática. Certamente são instituições necessárias para as universidades.

Por outro lado, quando refletimos sobre as *singularidades* dos museus no âmbito das universidades, encontramos a projeção das ações curatoriais, responsáveis pela edificação da nossa personalidade nos contextos acadêmicos universitários. Cumprir as funções universitárias de ensino, pesquisa e extensão a partir da perspectiva curatorial permite projetar a importância dos acervos e das coleções e agregar valor às univer-

⁸ No que se refere às cadeias operatórias museológico-curatoriais, ver *Sinergias e enfrentamentos: as rotas percorridas que aproximam a Museologia da Sociomuseologia*, publicado no livro *Teoria e prática da Sociomuseologia* (Bruno, 2021, p. 39-63).

⁹ Trecho extraído da conferência *Trajatória dos museus universitários no Brasil como produtores de conhecimento científicos e culturais: o que mudou?*, proferida no 1º Seminário de produção de conhecimentos em museus universitários no Brasil, realizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Manaus, e ocorrido de 27 a 30 de novembro de 2012.

sidades, pois introduz ainda a noção e as práticas preservacionistas em um percurso transversal em relação às três funções. Os processos curatoriais encontram *locus* adequado no contexto universitário para expandir as suas potencialidades de produção de conhecimento, salvaguarda dos acervos e das coleções, comunicação a partir de exposições e diferentes estratégias educacionais, entre muitas outras ações, além da respectiva especificidade de poder formar e capacitar novos profissionais para essas tarefas, ou expandi-las para todos os segmentos da sociedade. (Bruno, 2012, grifo meu).

As ações museológicas, em sua dinâmica curatorial nos museus universitários, aproximam e estabelecem cumplicidades entre docentes, técnicos e estudantes, e evidenciam que as universidades são necessárias para os museus e podem contribuir com o refinamento das experiências museológicas.

Entre as muitas rotas de interlocução que têm sido percorridas pelos profissionais dos museus universitários, neste texto a ênfase recairá sobre uma das possibilidades museológico-curatoriais, ou seja, a comunicação museológica.

Cabe, ainda, sublinhar que é possível desenvolver todas essas potencialidades a partir de reciprocidades interdisciplinares e entrelaçamentos multiprofissionais. Da mesma forma, não há nenhum impedimento para a participação popular nessas iniciativas.

Afinal, todas essas possibilidades são reais nas universidades e o compromisso institucional alavancado pelo tripé ensino, pesquisa e extensão vincula, potencialmente, os museus universitários ao que existe de mais atual em termos de exigências conceituais e técnicas referentes às instituições museológicas.

Comunicação Museológica: Indicações para a Proposição de um Modelo para Museus Universitários

Em diversos textos precedentes têm sido abordados os segmentos que estruturam a dimensão aplicada da Museologia, identificada, entre outros aspectos, como a cadeia operatória de procedimentos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativo-cultural), que são responsáveis pelas operações de tratamento e extroversão das coleções e dos acervos institucionais e, também, correspondentes aos processos museológicos e, sobretudo, pela abordagem museológica de pesquisas provenientes dos múltiplos campos de conhecimento viabilizadas nos museus universitários (Bruno, 1996; 2020).

Entende-se que as ações de salvaguarda garantem a esses museus a imersão nos contextos preservacionistas, nas opções pelo uso de tecnologias para o gerenciamento das informações e nos desafios relativos à manutenção dos bens materiais e imateriais que consolidam as instituições museológicas. Não se trata apenas de realizar pesquisas e publicar os resultados, dinâmica comum às instituições científicas, mas a introdução sistemática de ações museológicas, que desvela no âmbito universitário as exigências preservacionistas. De outra parte, as ações de comunicação abrem as portas para a sociedade por intermédio das exposições que, por sua vez, são consolidadas por discursos com linguagens mistas, por apropriação dos mais díspares espaços e fazem uso de tecnologias eletrônicas e do ambiente virtual. Ainda nesse contexto comunicacional, a projeção conjugada entre exposições e ações educativas reverbera para mais as potencialidades de divulgação do conhecimento e permite o estabelecimento de estratégias de inclusão social.

É possível afirmar que as palavras importantes para a comunicação museológica científica, nos dias de hoje, são: interdisciplinaridade, argumentação, inteligibilidade, democratização do saber científico e função sociopolítica da pesquisa. Dessa forma, desde as instituições enciclopédicas, os museus e, por sua vez, a museologia têm percorrido longos caminhos que podem ser traduzidos em diferentes procedimentos de conservação, de documentação, de exposição e de ação educativa, numa busca permanente de aproximação com a sociedade. Tanto a superação dos problemas já identificados nos museus tradicionais quanto a exploração de novos caminhos metodológicos têm indicado a experimentação de redes museais desdobradas em sistemas temáticos interdependentes. (Bruno, 2001, p. 269)

Neste texto, como já explicitado, é privilegiada a comunicação museológica e, a partir desse enfoque, são compartilhadas algumas ideias sobre a formatação de modelos museológicos para esse fim. Para tanto, parte-se dos argumentos já apresentados em outros textos em que se inserem as experiências museológicas em contextos teóricos que levam em consideração a hierarquia epistemológica entre fato museal, fenômeno museológico e processo de musealização, como também a estrutura metodológica organizada em torno de três campos de ação: essencial, de interlocução e de projeção.¹⁰

Nesse caminho, a abordagem enunciada sobre a proposição de modelos para comunicação museológica em museus universitários está vinculada a questões inerentes aos fenômenos museológicos e estruturada no âmbito do campo de interlocução. Trata-se de processo comunicacional ancorado nas argumentações transmitidas a partir de discursos expositivos e desenvolvidas mediante diversas formas e estratégias de mediação e, sobretudo, de educação da memória e educação para o patrimônio.

Cabe registrar que as proposições e as experimentações de modelos comunicacionais foram experiências levadas a cabo no museu do Instituto de Pré-História (IPH-USP), entre os anos de 1979 e 1989, e, posteriormente, no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP), considerando-se, sobretudo, as especificidades dos campos científicos da Arqueologia e da Etnologia, o perfil dos acervos dessas instituições, a natureza dos problemas histórico-sociais abordados pelas pesquisas em contextos brasileiros e, ainda, as potencialidades da Universidade de São Paulo. É importante sublinhar que, ao longo desse tempo, as mudanças institucionais foram intensas, novas gerações de profissionais passaram a fazer parte do MAE-USP e outras premissas se colocam para as ações de comunicação museológica. Neste texto, priorizam-se algumas dessas experiências, em especial aquelas em que tive uma atuação museológica mais explícita.

Quando se sublinha a proposição de modelos para comunicação museológica, faz-se referência, especialmente, à articulação de cinco frentes de ações e reflexões: (I) identificação do perfil do campo de conhecimento básico a ser aplicada à ação museológica; (II) reconhecimento sobre a potencialidade dos acervos museológicos correspondentes; (III) elaboração do desenho elementar das práticas que configuram a dimensão aplicada da Museologia, especialmente da comunicação museológica; (IV) compreensão sobre a dimensão processual das ações museológicas e a inserção de avaliações sistemáticas; e (V) exploração das potencialidades universitárias para a experimentação de ações de comunicação museológica.

Essas cinco frentes, por sua vez, e ao longo do tempo, têm sido permeadas por características essenciais para concepção, aplicação e avaliação do modelo referenciado. Em um

¹⁰ Essas questões referentes à epistemologia do campo da Museologia têm sido tratadas em diversos textos, apresentações de comunicação e aulas. Mas, neste ato, faz-se referência especial à tese de livre docência *Museologia: a luta pela perseguição ao abandono* (Bruno, 2000), defendida no MAE-USP.

segmento, desde a origem destas práticas, a busca das ações metodológicas interdisciplinares e transdisciplinares, internas aos museus, representam parte essencial das experimentações museológicas que, acompanhadas pelo refinamento das linguagens expositivas e educativas, estão na base da aplicação do modelo. Em outro segmento, o reiterado diagnóstico sobre as possibilidades de parcerias com outras unidades da universidade explicita a vocação dos museus por articulações acadêmicas multifacetadas. Esses dois segmentos são apoiados sistematicamente por intenções que, entre outras, procuram estabelecer os espaços e as sinergias que permitem aos museus universitários cumprirem as metas universitárias de ensino, pesquisa e extensão e, da mesma forma, se fazerem presentes nos planos das universidades.

A construção do modelo de comunicação museológica tem sido paulatina, não linear e avançado de forma não sistemática, mas, quando se lança um olhar retrospectivo, vislumbram-se as linhas que têm delineado o desenho pretendido e consegue-se estabelecer uma certa cartografia de ações voltadas a experimentações no território das instituições, que tem se pautado pelas seguintes características:

1. Experimentações entre profissionais, interdisciplinares e transdisciplinares, articulando professores, técnicos e estudantes;
2. Identificações das variáveis do ciclo curatorial e suas singularidades nos museus universitários como parte relevante das funções das universidades;
3. Proposições de hipóteses para ações de comunicação museológica, decorrentes de avaliações sistemáticas;
4. Verificações sobre as ações museológicas a partir da noção de processo comunicacional;
5. Buscas de rotas interunidades no âmbito das universidades;
6. Aplicações das práticas museológico-curatoriais, na busca de simetrias profissionais e de ações colaborativas;
7. Argumentações museológicas de problemas tratados por outros meios de comunicação que evidenciam a contemporaneidade dos museus universitários.

Ao longo do tempo e circunscritos às experiências nas instituições já referidas, é possível considerar que os primeiros passos na direção da constituição de um modelo foram dados em função das ações de comunicação museológica que ocorreram no âmbito dos Programas de Pesquisas Arqueológicas do Vale do Rio Tietê e do Vale do Rio Pardo que, a partir de 1980, assumiram experiências expositivas e educativas, assimilaram atividades colaborativas nas diferentes regiões e trouxeram para o Instituto de Pré-História as bases de suas ações de extroversão científica para além de seu espaço na cidade universitária (Caldarelli & Bruno, 1982).¹¹ Esses primeiros passos se expandiram para as ações museológicas realizadas pelo Instituto de Pré-História, já configuradas e enquadradas a partir de parâmetros de comunicação museológica de um instituto universitário. Nesse contexto, as exposições e as ações educativas aparecem como bases elementares, incorporando, também, a avaliação das atividades e, especialmente, a elaboração de hipóteses para novas experimentações de comunicação museológica (Bruno, 1984).¹²

Já em outra etapa da vida institucional, com maior possibilidade de interlocução interdisciplinar e realização expandida de atividades curatoriais, pode-se indicar duas experiên-

¹¹ Essa primeira experiência foi registrada no artigo *Arqueologia e Museologia: experiências de um trabalho integrado. Pesquisas e Exposições do Instituto de Pré-História* (Caldarelli & Bruno, 1983, p. 143-191)

cias que, ao lado da exposição de longa duração *Formas de Humanidades* (1995 a 2010) e de intenso programa de atividades educativas,¹³ permitiram ao MAE-USP o refinamento do modelo a partir da busca de novos interlocutores. Esta referência está atrelada aos “eventos” – *Jogos Olímpicos: da Grécia Antiga aos nossos dias* (1996) e *A Escrita no Mundo Antigo* (1998). Essas experiências de comunicação museológica foram organizadas a partir de exposição temporária, ação educativa em distintas frentes e seminário acadêmico que apresentou e problematizou questões contemporâneas e, com isso, foram estabelecidas interlocuções com outras unidades da universidade que tratam dos respectivos enfoques temáticos.

A experiência voltada aos Jogos Olímpicos contou com a realização dos Encontros Acadêmicos *Jogos e Espetáculos no Mundo Antigo* e *Jogos Modernos: a memória da organização olímpica*, com a participação da Escola de Educação Física da USP, Sociedade de Estudos Clássicos, profissionais da imprensa, entre outros, para além de atividades educativas específicas com os estudantes de ensino médio e fundamental da Escola de Aplicação da USP. Já o evento dedicado à história da escrita foi realizado no Centro Cultural Maria Antônia da USP e contou igualmente com a mesma estrutura – exposição/ação educativa/encontro acadêmico –, com especial participação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP).

A partir daí, o modelo de comunicação museológica estava estruturado, ancorado em exposição de longa duração e em programas educativos sistemáticos que dialogam com as experiências temporárias, conforme os seguintes vetores: (I) discurso expositivo elaborado a partir de argumentos e questionamentos sobre o enfoque temático central – exposição de longa duração; (II) ação educativa voltada para a mediação do público e para a formação de professores; e (III) certame acadêmico organizado em torno de perguntas e olhares de outras especialidades. Essa estruturação, por sua vez, potencializa a projeção e a articulação em outras esferas da universidade e mesmo externas a ela.

Ainda nessa etapa, foi possível também desdobrar as ações de comunicação museológica em atividades de ensino universitário de forma sistemática. Foi iniciada uma sequência de cursos de extensão universitária e foram oferecidas disciplinas optativas com enfoques relativos à teoria museológica, ao universo aplicado da Museologia e, de forma muito reiterada, aos temas que envolvem a comunicação museológica.¹⁴ Essa experiência com o ensino alavancou a organização e a implantação do Curso de Especialização em Museologia, que ofereceu 4 turmas entre os anos de 1999 e 2006, especializando 116 estudantes e, nesse contexto, a comunicação museológica ocupou parcela relevante da docência e está refletida nas monografias de final do curso.

Com as bases lançadas e avaliadas, foi possível para o museu instituir linhas de pesquisa

¹² Na dissertação de mestrado *O Museu do Instituto de Pré-História: um museu a serviço da Pesquisa Científica* são apresentados os quatro programas museológicos que configuraram a existência das ações museológicas dessa instituição que, depois, assumiu o nome de Museu de Pré-História Paulo Duarte (1984 a 1989), a saber: Programa I – Mostras de longa duração; Programa II – Serviço Educativo; Programa III – Mostras Itinerantes; Programa IV – Memória e Documentação.

¹³ Refiro-me aos programas: de ação educativa junto às exposições (Reserva Técnica Visitável, Oficina de Arqueologia, Encontro de Formação de Professores); de recursos pedagógicos e museográficos (*Kit* de Objetos Arqueológicos e Etnográficos, *Kit* de Objetos Infantis Indígenas, Valise Pedagógica Origens do Homem); de projetos especiais (Universidade Aberta à Terceira Idade, USP e às Profissões, Projeto Vivendo a USP – Novos Talentos, Atividades de férias, Ações Educativas vinculadas às pesquisas de campo, Grupo de Bordado dos Funcionários do MAE-USP); de inclusão social (Projeto Girassol/Grupo infantojuvenil São Remo, Kit multissensorial).

¹⁴ Cabe registrar que, em tal momento, os museus da Universidade de São Paulo não tinham autonomia para o oferecimento de graduações regulares. Esse ponto foi alterado nos últimos anos.

em comunicação museológica, implementar laboratórios temáticos e organizar a carreira acadêmica do campo da Museologia, com forte expressão nesses contextos. Com isso, na sequência, em 2010, foi instituído o Programa Museológico de Difusão Científica:

O MAE tem desenvolvido linhas de pesquisa em Comunicação Museológica a partir de estudos documentais e da experimentação de distintas hipóteses de investigação relativas a diversos enfoques temáticos em suas exposições e às estratégias pedagógicas em seus projetos educativos, multiplicando as suas possibilidades de interlocução com a sociedade.

Os reflexos dessas pesquisas aplicadas podem ser constatados em experimentações museológicas em sua sede atual e em eventos temporários em outras instituições inseridas nos distintos contextos culturais e regionais do país.

Objetivos:

Contribuir com a sistematização dos estudos em Comunicação Museológica desenvolvidos no âmbito do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica;

Realizar experimentações de musealização vinculadas às áreas de pesquisa em arqueologia e etnologia;

Colaborar com a experimentação de distintos e inéditos enfoques curatoriais relacionados às coleções do MAE; e

Potencializar as ações comunicacionais – expositivas e educativas – voltadas a distintos segmentos de públicos.¹⁶

Ao longo desse período, e seguindo o modelo já apresentado, têm sido muitas as experiências de comunicação museológica da instituição, tais como: *Paulo Duarte: Arqueologia de uma Vida* (1989); *Brasil 50 mil anos: uma viagem ao passado pré-colonial* (2000); *Antiga Amazônia Presente* (2015); *MAE-USP e a Amazônia: alguns olhares da Arqueologia* (2015); *Pelos Caminhos da Cidade de Pedra – trinta anos de pesquisas arqueológicas* (2016); *Polis: Viver na Cidade Grega Antiga* (2018), que contaram com diferentes coordenações, mas possibilitaram a estreita interlocução entre discurso expositivo, ação educativa e certame acadêmico.

Acima mencionaram-se apenas alguns dos eventos de comunicação museológica da instituição, mas é importante registrar ainda duas recentes experimentações de comunicação museológica: (I) *Adornos do Brasil Indígena: resistências contemporâneas* (SESC, São Paulo 2016/2017),¹⁷ quando se estabeleceu um diálogo com a arte contemporânea e, no âmbito do MAE-USP, foi realizado um processo museológico curatorial simétrico entre técnicos e pesquisadores (II) *Resistência Já! Fortalecimento e união das culturas indígenas: Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena* (MAE-USP, de 2019 até o momento).¹⁸

Finalmente, cabe sublinhar que as experiências de comunicação museológica, conforme modelo apresentado, desempenham, sobretudo, um importante papel no que tange à extensão universitária de forma qualificada e sistemática. É possível considerar que, hoje, os prin-

¹⁵ Refiro-me, especialmente, às carreiras do campo da Museologia, uma vez que o MAE-USP se organiza em torno de três campos, Arqueologia, Etnologia e Museologia, para os seus concursos de ingresso e progressão acadêmica. Da mesma forma, como ocorre nos outros campos, o museu mantém 12 laboratórios temáticos e três estão vinculados à Museologia: *Laboratório de Pesquisas em Comunicação em Museologia* (LAPECOMUS, coordenado por Maria Cristina Oliveira Bruno); *Laboratório de Interfaces em Museologia – Comunicação, Mediação, Públicos e Recepção* (INTERMUSEOLOGIAS, coordenado por Marília Xavier Cury) e *Laboratório de Pesquisa sobre Museus na América Latina* (LAPEMAL, coordenado por Camilo de Mello Vasconcelos).

¹⁶ Trecho do texto de apresentação do programa que tem como premissa a articulação e a sistematização das experiências de comunicação museológica da instituição.

cipais desafios do modelo apresentado estão vinculados à busca de simetria nas ações técnico-científicas da cadeia operatória museológico curatorial, ou seja, ações mais coletivas e participativas. A partir do que foi apresentado, deve ser sublinhado que as universidades podem qualificar o seu diálogo com a sociedade também a partir de seus museus.

REFERÊNCIAS

- Bosi, E. (1987). *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP.
- Bruno, M. C. O. (1984). *O Museu do Instituto de Pré-História: um museu a serviço da pesquisa científica*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bruno, M. C. O. (1995). *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bruno, M. C. O. (1996). *Museologia e Comunicação*. *Cadernos de Sociomuseologia*, 9.
- Bruno, M. C. O. (2000). *A luta pela Perseguição ao Abandono*. Tese de Livre Docência, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bruno, M. C. O. (2001). *Princípios gerais de museologia e comunicação museológica*. In Crestana, S. (coord.), *Educação Para a Ciência: Curso para treinamento em Centros e Museus de Ciência* (pp. 267-269). São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Bruno, M. C. O. (2012). *Trajetória dos museus universitários no Brasil como produtores de conhecimento científicos e culturais: o que mudou? 1º Seminário de produção de conhecimentos em museus universitários no Brasil*, Universidade Federal do Amazonas, UFAM. (Conferência).
- Bruno, M. C. O. (2020). *Acervos arqueológicos: relevâncias, problemas e desafios desde sempre e para sempre*. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, p. 08-18, 2020.
- Bruno, M. C. O. (2021). *Sinergias e enfrentamentos: as rotas percorridas que aproximam a Museologia da Sociomuseologia*. In Primo, J. & Moutinho, M. (eds.), *Teoria e prática da Sociomuseologia* (pp. 39-63). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Caldarelli, S. & Bruno M. C. O. (1982). *Arqueologia e Museologia: experiências de um trabalho integrado*. *Pesquisas e Exposições do Instituto de Pré-História*. *Revista de Pré-História*, III(4), 143-191.
- CNPq. (1992). *Conclusões Gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários*. *Ciências em Museus*, 4.
- Granato, M (Coord.). (2019). *Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia e Museus Universitários*:

¹⁷ Esse projeto de comunicação museológica foi concebido e coordenado por Maria Cristina Oliveira Bruno, Carla Gibertoni Carneiro, Ana Carolina Delgado Vieira e Francisca Aída Barbosa Figols, Mauricio André Silva (profissionais do MAE-USP) e Moacir dos Anjos (SESC).

¹⁸ Trata-se de projeto coordenado por Marília Xavier Cury, com a participação dos técnicos do MAE-USP e realizado a partir de ações colaborativas com os povos indígenas referenciados.

pesquisa, análise e caracterização de relações estratégicas. Disponível em: < <https://indd.adobe.com/view/44e9e5e0-0c20-4bd0-936a-3ab0e14900a1>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Silva, M. C. (2019). A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: proposição, pesquisa, colaboração e manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus. *Revista CPC*, 27, 297-309.

Tixier, J. (1978). *Méthodes pour l'étude des outillages lithiques (notice sur les travaux scientifiques)*. Nanterre: Université de Paris X.

Texto encomendado pelos organizadores do dossiê